

Caminho aberto contra o HIV

25/09/2009
Correio Braziliense

Pesquisadores norte-americanos e tailandeses afirmam ter conseguido desenvolver uma vacina que reduz em um terço a chance de infecção pelo vírus que leva à Aids. Tentativa agora será de conseguir elevar capacidade de defesa da imunização.

O caminho pode ser extremamente difícil e acidentado, mas os passos estão cada vez mais próximos da solução. Pesquisadores norte-americanos e tailandeses conseguiram desenvolver uma vacina que pode prevenir uma das doenças mais devastadoras do mundo atual, a Aids. Essa é a primeira vez que uma droga de imunização mostra algum sucesso em testes clínicos. Os cientistas conseguiram reduzir em um terço o risco de infecção pelo vírus HIV nos voluntários da pesquisa um efeito protetor ainda modesto, mas muito significativo para a ciência. A descoberta não representa o final de anos de pesquisa, e sim o começo de uma nova caminhada para chegar mais perto de uma forma eficaz de prevenção.

Para os pesquisadores, dois fracassos podem ser transformados em um sucesso. A nova droga imunizante, chamada de RV 144, surgiu da mistura da vacina Alvac, feita com um vírus que afeta os canários, e a Aidsvax, que não conseguiu resultados positivos quando foi testada. A primeira ataca as células invadidas pelo HIV antes que a infecção se espalhe pelo organismo, enquanto a segunda produz anticorpos neutralizadores para que o HIV não consiga infectar as células. A combinação das duas ações foi a mais eficiente até hoje, e os cientistas agora vão tentar entender por que a mistura funcionou.

A vacina experimental começou a ser testada em outubro de 2003, em duas províncias tailandesas perto de Bangcoc. Foram selecionados 16 mil voluntários, homens e mulheres heterossexuais com HIV negativo e idade entre 18 e 30 anos. Um grupo recebeu a vacina e a outra metade recebeu um placebo mistura inócua. Dos voluntários que receberam o placebo, 74 de 8.198 foram infectados, contra 51 em 8.197 dos que foram imunizados com a vacina, ou seja, uma redução de 31,2% no risco de contrair o vírus entre os vacinados.

Os resultados dos testes foram divulgados ontem na Tailândia pelos parceiros da iniciativa: o exército norte-americano, o Ministério da Saúde Pública tailandês, o laboratório francês Sanofi-Pasteur, a Global Solutions for Infectious Diseases e o Instituto Nacional de Doenças Alérgicas e Infecciosas dos Estados Unidos. Durante o anúncio, ao lado do ministro da Saúde Pública da Tailândia, Witthaya Kaewparadai, o embaixador norte-americano no país, Eric John, indicou que o teste da nova vacina levou a um passo mais perto de uma vacina contra o HIV.

A luz surgiu

Por mais de 20 anos, testes com uma vacina falharam. Agora, parece que nós estávamos andando por um caminho sem luz e uma porta se abriu. Podemos começar a levantar questões importantes, disse à imprensa o diretor do instituto, Anthony Faucis. Apesar da descoberta, a vacina ainda está longe dos postos de saúde. A eficácia de apenas 30% ainda é baixa. Os pesquisadores precisam chegar a uma taxa de sucesso de 70% a 80% para que a imunização seja licenciada. O próximo passo é trabalhar com os resultados e desenvolver uma resposta melhor.

Agora é preciso entender os parâmetros da doença naqueles indivíduos que foram vacinados e mesmo assim foram infectados. Talvez esses indivíduos tenham um controle maior da infecção do HIV, por exemplo, o que poderia dar um impulso adicional para o resultado da vacina, sugere Michael Betts, professor do departamento de microbiologia da Universidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos.

Segundo o especialista, os resultados tailandeses são encorajadores, mas é preciso ter cuidado com a interpretação dos testes. A diferença de 20 pessoas entre os grupo de vacinados e o grupo de placebo não está muito clara. Se escolhêssemos diversos grupos de 8 mil pessoas e monitorássemos todos em três anos, não sabemos qual seria o resultado, disse Betts ao Correio. Apesar de o resultado não ter sido completo, o cientista acredita que, com mais pesquisas, a solução pode estar perto. É óbvio que uma vacina que ajuda algumas pessoas é melhor do que não ter vacina nenhuma. Analisando tudo isso, a conclusão real é de que esse teste nos dá força para continuar com o desenvolvimento de uma vacina.

Aposta

Para o coronel Jerome Kim, membro do programa de pesquisa do exército americano, o estudo demonstra que é possível desenvolver uma vacina contra uma doença que até pouco tempo atrás não tinha nem tratamento seguro. Trata-se de um grande progresso científico e nos dá esperança de que, no futuro, seja possível uma vacina globalmente eficaz, acrescentou.

A Aids já causou a morte de pelo menos 25 milhões de pessoas em todo o planeta. Mais de 33 milhões de pessoas estão contaminadas pelo vírus HIV dois terços das pessoas infectadas vivem na África. A vacina, no entanto, pode não ser significativa para quem mais precisa. As subespécies de HIV usadas na vacina são do tipo B e E, predominantes na Ásia, Europa e América do Norte. Na África, o tipo C é o predominante.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) e a Onusida, agência das Nações Unidas dedicada ao combate do HIV, expressaram ontem otimismo depois do anúncio de Bangcoc, mas também acreditam que muito ainda deve ser feito. Uma das preocupações é justamente como a vacina seria utilizada em outras partes do mundo e como poderia funcionar com outros subtipos do vírus, principalmente como os africanos.